

O papel da evangelização na missão

José Bernardo

AMME
EVANGELIZAR[®]

O papel da evangelização na missão

1ª edição digital ©2011

Todos os direitos reservados ao autor

Ministério Salva Vidas
www.salvavidas.biz

AMME Evangelizar
www.evangelizabrasil.com

A citação de trechos dessa obra é livre
desde que mencionada a fonte:

.....
BERNARDO, José. O papel da evangelização na
missão. Santo André: Salva Vidas, 2011.
.....

O papel da evangelização na missão

**Pela Igreja Brasileira, para
que viva no primeiro amor e
pratique as primeiras obras.**

José Bernardo

Dos tempos

Refletindo sobre evangelização e missão no contexto do 6º CBM

O 6º Congresso Brasileiro de Missões deu continuidade a uma série de encontros definidores da obra missionária da Igreja Evangélica Brasileira. Esteve cercado de grande expectativa, visto que esses tempos de indefinição e confusão, inicialmente impulsionam as pessoas na busca por orientação e soluções. Infelizmente, são esses mesmos tempos que frustram a busca.

Em CapeTown, na África do Sul, há um ano, o Congresso Lausanne III, foi um enorme ajuntamento, motivado pela mesma busca da Igreja, sem a capacidade para gerar significativo direcionamento, mal detectou e interpretou as tendências, acabando-se em um texto

apenas poético. Essa parece ser a sina dos grandes encontros na atualidade, e o 6º CBM pode não escapar dessa imposição da era em que vivemos.

É nesse cenário que nos coube, à AMME Evangelizar e a mim, apresentar a oficina 'O papel da evangelização na missão'. Veja só! No Congresso de missões, a evangelização ocupa uma pequena oficina em uma sala distante. É certo que haviam alguns outros temas que também poderiam ser identificados com evangelização, entre muitos que lutavam por uma agenda centrada no homem, seus desejos e direitos.

Assumi a tarefa com boa vontade, honrado pela responsabilidade, grato pela oportunidade, orando por sabedoria. Agora, nas próximas páginas, você pode conferir o produto. Seja benigno.

Caldas Novas, 12 de outubro de 2011.

José Bernardo

Do papel

O papel da evangelização na missão: tema dado pelo Grupo Organizador

Considerando que durante os últimos séculos os cristãos não tiveram dúvida de que a evangelização era a atividade missionária essencial, considerando que estamos no 6º Congresso Brasileiro de Missões e agora precisamos discutir o papel da evangelização na missão, esse é um sinal dos tempos. É um retrabalho que reconheço ser tão custoso quanto inevitável.

Digo que é um sinal dos tempos porque o retrocesso na definição de algo tão importante, antes tido por sólido e certo, parece ser mais uma das consequências da fragmentação que marca a pós-modernidade em que vivemos. A desautorização das instituições definidoras e a

desconstrução das definições produzem uma realidade tão fragmentada que já não pode ser reconhecida.

Portanto, quando nos perguntamos sobre o papel da evangelização na missão, algo que era tão óbvio para nossos pais, evidenciamos a dificuldade em definir, se não mais, pelo menos o que é evangelização e o que é missão. Quero fazer dessa dificuldade o desafio para nosso seminário.

Vencer esse desafio é questão urgente. Aparecem, apressurados, aqueles que oferecem o papel principal da evangelização a outros atores menos capazes, igualando a Igreja a qualquer empreendimento humanista, travestindo-a de uma bondade budista, dotando-a de uma teologia desistente, produto da confusão e frustração que resultam da desesperada busca pela justificação perante os homens ao custo da desobediência a Deus. Assim a missão para o fracasso.

Da evangelização

Jesus não somente mandou evangelizar: antes deu o exemplo

“Daí em diante Jesus começou a pregar: Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo.” Mat 4:17 “Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galiléia, proclamando as boas novas de Deus. O tempo é chegado, dizia ele. O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!” Mc 1:14, 15

Esse texto é fundamental na definição de Evangelização, porque é o registro cuidadoso e intencional de seus autores, inspirados pelo Espírito Santo, retratando o momento em que o próprio Jesus começou a evangelizar.

- a) O momento: Jesus havia sido batizado, recebera a confirmação do

Pai e do Espírito, em clara dinâmica da Trindade; Jesus havia passado pela tentação no deserto, revelando o princípio de sua vitória, a completa submissão ao governo de Deus; João Batista havia sido morto pela pregação da mesma mensagem que Jesus começava a pregar: *“Naqueles dias surgiu João Batista, pregando no deserto da Judéia. Ele dizia: Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo.”* Mat 3:1,2.

b) O método: Jesus começou a pregar. Aqui temos o termo grego ‘kerusso’, que indica a proclamação, como de um arauto, com clareza, certa formalidade e muita autoridade. Marcos acrescenta ‘*pregando* (método) o *Evangelho* (conteúdo)’. Esse não é o único método da evangelização. Lucas, por exemplo, nos conta ainda que *“Certo dia, quando Jesus estava ensinando o povo no templo e pregando as boas novas...”* Lc 20:21. Jesus estava

ensinando (método) e evangelizando (conteúdo). Mais adiante trataremos essa questão com mais detalhes.

c) O público: Jesus foi para a Galiléia, passou a residir em Cafarnaum e, para isso, Mateus relembra o texto messiânico de Isaías (Is 9:1,2): *“o povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raiou uma luz.”* Mt 4:16. Novamente se evidencia a submissão de Jesus ao governo de Deus expresso nas Escrituras. Distingue-se o público de Jesus, não pelo tipo de pecado, condição econômica ou status. O público de Jesus era das pessoas que viviam em trevas e em morte.

d) A mensagem: O conceito de Evangelho já presume uma boa notícia a ser transmitida. Qual seria essa boa notícia? Conforme Marcos, a mensagem de Jesus consistia de três elementos:

▪ “*O tempo é chegado*” – Jesus imprimiu um forte sentido de urgência à sua mensagem, ele fez seus ouvintes perceberem que aquele era o tempo perfeito (completo) para uma grande mudança. Esse elemento não é, portanto, o Evangelho, mas um chamado a priorizá-lo.

▪ “*O Reino de Deus está próximo*” – A mensagem de Jesus era contundente, apontava para algo físico, incontesteável. A força, o poder, o domínio, o governo de Deus podia ser tocado, estava junto das pessoas, havia se materializado, encarnado! Ao invés do domínio do maligno, do mundo e da carne, havia agora uma alternativa – as pessoas podiam tocar, vivenciar, experimentar pessoalmente o domínio de Deus. Essa é certamente uma boa notícia: pode-se servir ao Justo Senhor.

- “Arrependam-se e creiam no Evangelho” – A mensagem de Jesus tinha um objetivo definido. “Arrependam-se e creiam” formam uma unidade. Arrependam-se é a bem conhecida palavra ‘metanoia’ que indica a mudança interior, da mente, dos sentimentos e dos valores. Essa mudança deve ser para a fé (*creiam*) – tornar-se convicto do Evangelho. Assim, esse elemento da mensagem também não é o Evangelho, mas o resultado que se espera de quem o recebe.

Ora, se a primeira frase determina a urgência da mensagem e a última define o resultado que Jesus esperava que a mensagem produzisse, então o Evangelho, as Boas Notícias, se encontram na frase intermediária: “*O Reino de Deus está próximo*”. Eis porque gosto de dizer que evangelizar é anunciar o Evangelho. O Evangelho é o Reino e o Reino é Cristo. Não é de se admirar, pois, que

Jesus tenha iniciado assim a Grande Comissão: *“Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos”* Mat 28:18, 19.

O entendimento de que o Evangelho é o Reino (ou seja, o governo de Deus em Cristo) evitaria muita confusão que se percebe na evangelização hoje. Não fomos enviados a anunciar bênçãos, prosperidades, soluções políticas, nem a oferecer curas, comida, alimento, nem a denunciar crimes, ou a tratar de questões ecológicas. Nossa mensagem não é o marketing de nossa igreja, nem a promoção de uma ideologia, de um partido. Evangelizar é chamar pessoas a se submeterem ao governo de Deus em Cristo. Tudo o mais é secundário, como o próprio Senhor o disse: *“Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.”* Mt 6:33.

O entendimento de que o Reino é Cristo e não seus súditos, suas obras ou frutos,

ajudaria a Igreja a se concentrar naquilo que de fato importa. Referindo-se a isso, Paulo escreveu: *“O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus.”* 2Co 4:4. O Evangelho consiste na glória de Cristo e Ele é a imagem do Deus invisível, o Reino que está próximo, que pode ser experimentado. Se celebramos mais a igreja do que Cristo, se pregamos mais o que os crentes podem fazer do que o Cristo morto e ressuscitado, nisso revelamos que também estamos cegos sobre o que verdadeiramente é evangelizar.

Na Igreja de nossos dias, dois movimentos cada vez mais populares, tanto a teologia da prosperidade como a versão evangelical da teologia da libertação, são culpados de perverter a verdade bíblica e desnortear a evangelização. Em um claro efeito ‘ferradura’, esses dois extremos do evangelicalismo são mais próximos do que se poderia supor.

Ambos colocam o homem no centro e querem fazer de Deus um servo dele, que viva para beneficiá-lo. Ambos escravizam as pessoas ao tempo presente e as levam a ignorar a glória e a destruição futuras. Ambos tiram a dignidade do olhar para as coisas invíveis e eternas e algemam as pessoas ao material e finito.

O tempo está completo, nada há mais importante ou necessário que se esperar: Devemos anunciar a Cristo como Senhor de tudo e de todos. Quando nos ouvirem, deve haver uma profunda mudança na vida das pessoas. Tudo o que elas são deve ser afetado pela soberania, senhorio e governo de Cristo. Evangelizar é, portanto, transmitir a mensagem do Reino com o objetivo de produzir uma disposição de total submissão ao governo de Deus em Cristo. Assim as pessoas clamarão incessantemente: *“Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.”* Mt 6:10

Da missão

Paulo, que convida os crentes a imitá-lo, sabia bem qual era sua missão

“Quero que vocês saibam, irmãos, que muitas vezes planejei visitá-los, mas fui impedido até agora. Meu propósito é colher algum fruto entre vocês, assim como tenho colhido entre os demais gentios. Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes. Por isso estou disposto a pregar o evangelho também a vocês que estão em Roma. Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego. Porque no evangelho é revelada a justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito: O justo viverá pela fé.”

Romanos 1:13,17

Estando, muito provavelmente, em Corinto, no início da segunda metade do primeiro século, já experiente na plantação de igrejas e com um ministério consolidado entre os gentios, Paulo deseja visitar Roma e, de lá, seguir ainda para a Espanha. Ao escrever a carta, antecipando sua visita, Paulo produz uma das mais completas teologias da salvação e explica cuidadosamente sua missão. Líder e mestre, disposto a orientar a Igreja para a qual sempre se coloca como modelo, Paulo pode nos ajudar na definição de missão nesses tempos de confusão, pois se oferece como modelo a ser imitado. Então vejamos, no texto selecionado, que características definem a missão:

- a) A missão é produtiva - *“Meu propósito é colher algum fruto entre vocês, assim como tenho colhido entre os demais gentios.”* (13) – Jesus aludiu a nossa missão frequentemente em termos de funções produtivas, que resultam em

algo que deve ser entregue a Ele: ceifeiros, pescadores, construtores, administradores. Sabemos que cumprimos a missão quanto temos para entregar ao Senhor algo que lhe agrade. Essa vontade de Paulo em colher frutos, resultados, nos remete diretamente ao discurso da missão em Jo 15: *“Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça, a fim de que o Pai lhes conceda o que pedirem em meu nome.”* Jo 15:16

b) A missão é social - *“Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes. Por isso estou disposto a pregar o evangelho (evangelizar) também a vocês que estão em Roma.”* (14, 15) – Paulo sente-se obrigado a evangelizar porque para isso foi comissionado: *“Contudo, quando prego o evangelho, não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o*

evangelho! Porque, se prego de livre vontade, tenho recompensa; contudo, como prego por obrigação, estou simplesmente cumprindo uma incumbência a mim confiada.” 1Co 9:16, 17. Essa obrigação abrange a sociedade e a considera. Não podemos cumprir a missão sendo individualistas, a evangelização é nossa responsabilidade social, cidadania. Precisamos entender a missão tanto em que afetamos a sociedade como em que somos afetados por ela. Note que gregos e bárbaros trata das pessoas na sociedade; sábios e ignorantes trata da sociedade nas pessoas. Essa confissão da dívida social de Paulo nos remete ao “todas as nações” de Mateus e Lucas, bem como ao “todo mundo” de Marcos. Por isso Paulo estava disposto a evangelizar em Roma.

c) A missão é evangelizar - *“Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de*

todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego.” (16) – Paulo não se achava estranho ou, de alguma forma negativa, marcado por assumir a evangelização como sua missão, porque o Evangelho “é o poder de Deus para a salvação”. Essa salvação, ‘soteria’ no grego, é substantivo que deriva do verbo ‘sozo’, um termo amplo, que indica a liberdade (aspecto social), a integridade (aspecto espiritual) e a saúde (o aspecto físico). Paulo quer evangelizar porque é a evangelização que manifesta o Reino de Deus em Cristo, da maneira mais ampla e definitiva na vida das pessoas. A Evangelização é a insuperável e exclusiva ação social de Deus. Nenhuma outra obra pode produzir transformação social, espiritual e física tão ampla, não importa quão bem planejada ou promovida seja.

d) A missão é transformadora - *“Porque no evangelho é revelada a*

justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé, como está escrito: O justo viverá pela fé.” (17) – O apóstolo aos gentios ainda explica como o Evangelho é uma obra tão completa: Ele manifesta a justiça, ou seja, a perfeita vontade de Deus para tudo e todos. Quem ouve o Evangelho deve estabelecer uma relação de fé, ou seja, sua mente deve ser mudada para crer (e agir) conforme o Evangelho. Isso nos remete ao texto que define evangelização e Evangelho: “O Reino de Deus (justiça) está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas! (viverá pela fé)” Mc 1:15.

Muitos perguntam qual a prioridade na missão da Igreja, se a ação social, se a evangelização. Quem faz essa pergunta ainda não se deu conta de que a evangelização é a ação social de Deus, super eficiente e a única verdadeiramente imprescindível. A missão é evangelizar! A evangelização é uma obra completa:

salva social, espiritual e fisicamente. Nada precisa ser adicionado a ela para que seja efetivamente integral.

Há algum tempo estava assistindo um conhecido líder evangélico alucinar em público e sugerir que não devíamos mais buscar a missão da igreja na Grande Comissão mas em um texto como o de Mateus 25:31-46. Então a missão da igreja seria: alimentar, dessedentar, vestir e curar. Sedutor! Mas esse texto não reflete um mandato, nem um comissionamento. Esse texto reflete bem o caráter transformado do salvo, e o próprio Jesus deixa isso claro ao ilustrar assim: *“E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.”* Mt 25:33. A alegoria de ovelhas e bodes refere-se, claramente, ao caráter, à índole. Muito diferente da Grande Comissão, comando que define a exigência de resultados.

Então os crentes não precisam fazer outras obras sociais além da evange-

lização? Ora, ouça isto, a ação social, coisa que qualquer pessoa pode fazer e a qualquer pretexto, para o verdadeiro cristão, é reflexo de um caráter transformado, livre do egoísmo, da cobiça, do ciúmes e de tantas obras da carne. Já a evangelização, tarefa singular de levar pessoas a se submeterem ao senhorio de Cristo, somente aqueles que já o obedecem podem fazer. Essa é a missão bíblica da Igreja.

Assim, socorreremos ao necessitado porque nosso caráter foi transformado, e pregaremos o Evangelho porque essa foi a missão que recebemos de Jesus. Esse Evangelho que pregamos é uma mensagem de reconciliação, sim, não como se Deus e o homem fossem se reconciliar como iguais, mas que o homem, na soberba de sua desobediência, pobre ou rico, culto ou ignorante, deve ser levado novamente a humilhar-se sob a potente mão de Deus, para depender completamente daquele que pode exaltá-lo.

Da dinâmica

Como funciona a evangelização como expressão da missão

Havendo definido a evangelização a partir da mensagem do Reino e a missão a partir de seu resultado transformacional, resta-nos compreender a dinâmica missional da evangelização transformadora, ou seja, o papel da evangelização na missão - a identidade missional e a expressão dessa identidade.

Ronaldo Lidório tem apresentado uma dicotomia que desafia a igreja a viver a missão essencial da evangelização. Falando sobre a proclamação do Evangelho (kerigma), ensina que não pode estar desacompanhada do testemunho do Evangelho (martíria).

É triste que se tenha de explicar aos

crentes de hoje que, para cumprir a missão da Igreja, é preciso primeiro ser Igreja; para pregar a mensagem do Reino de Deus é preciso antes estar submisso ao governo de Cristo. Redundante mas necessário.

Contudo, para defender essa integridade não precisamos de uma nova teologia. Jesus tratou claramente disso quando disse: *“ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei”* Mt 28:20. Só podemos ensinar outros a obedecerem aquilo que nós mesmos ouvimos como ordem. Só podemos levar outros ao Reino (governo) de Deus em Cristo se nós mesmos estamos sob esse Reino.

Por outro lado, do ponto de vista da dinâmica da evangelização missional, encontraremos um arranjo quadrilátero de vias ou métodos a partir das diferentes ênfases dadas pelos evangelistas no relato das recomendações finais de Jesus antes da ascensão. Vejamos cada uma dessas ênfases.

a) Didática (ensinadora) – *“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos.”* Mt 28:19, 20. Mencionando discípulos e o ensino da obediência, Mateus nos mostra que o papel da evangelização na missão é o papel do ensino. Cumpriremos a missão de evangelizar ensinando as pessoas a obedecerem tudo quanto Cristo nos ordenou (inclusive a cumprirem a missão bíblica de evangelizar toda criatura).

b) Kerigmática (proclamadora) – *“E disse-lhes: Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será conde-nado.”* Mar 16:15, 16. Ao preferir o termo ‘pregar’, Marcos dá ênfase à proclamação formal dos

éditos reais, daquilo que Deus, em Cristo, determinou aos seus adoradores como a verdade libertadora. Para Marcos o papel da evangelização na missão é o da proclamação dos decretos do Reino de Deus em Cristo.

c) Martírica (testemunhal) – *“E Ihes disse: Está escrito que o Cristo haveria de sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que em seu nome seria pregado o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vocês são testemunhas destas coisas. Eu Ihes envio a promessa de meu Pai; mas fiquem na cidade até serem revestidos do poder do alto.”* Lc 24:46-49. Lucas inicia esse segmento enfatizando a experiência do Cristo: *‘haveria de sofrer’* = sentir. Então a missão da Igreja é definida a partir de sua própria experiência: *‘vocês são testemunhas dessas coisas’*. Em segui-

da Jesus ainda diz aos discípulos para esperarem a experiência definitiva, antes de saírem testemunhando. Para Lucas, o papel da evangelização na missão é o testemunho das experiências que a Igreja tem com o Rei que tem todo o poder e o exerce plenamente sobre seus discípulos. Esse Rei que governa os corpos e mentes de seus adoradores, também os torna efetivos agentes da transformação do meio onde estão, através do testemunho de sua própria experiência com o Rei.

Aos que acham que podem dispensar a comunicação do Evangelho, deixar de lado o chamamento claro e objetivo a que se submetam ao Reino, substituindo a missão de evangelizar por uma encenação a título de 'pregar até com palavras, se necessário', como teria dito Francisco de Assis em sua teologia capenga, é preciso dizer aqui que a manifestação do testemunho é com pala-

bras, sim e sempre, ainda que sobre uma imprescindível vivência prévia. Não há lugar para uma evangelização sem palavras, sem um grande clamor ao arrependimento e à continuidade na fé. Eis como João descreve, muito adequadamente, a ênfase martírica em seu esforço pela missão da Igreja: *“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nos-sos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam - isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada. Nós lhes proclamamos o que vimos e ouvimos para que vocês também tenham comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.”* 1Jo 1:1-3.

d) Vicária (representativa) – *“Novamente Jesus disse: Paz seja com*

vocês! Assim como o Pai me enviou, eu os envio. E com isso, soprou sobre eles e disse: Recebam o Espírito Santo. Se perdoarem os pecados de alguém, estarão perdoados; se não os perdoarem, não estarão perdoados.” Jo 20:21-23. Em seu Evangelho, tão especial em muitos sentidos, João dá ênfase ao fato de a Igreja representar Cristo na terra. A partir da Grande Comissão fazemos o que Cristo faria, dizemos o que ele diria. Não somente chamamos pessoas ao arrependimento pela proximidade do Reino, mas também atuamos nesse processo, agindo como Jesus agiria, sendo sua mão, seus ouvidos, seus olhos, seus pés e, sobretudo, seremos sua boca. Não representaremos a Cristo se não falarmos o que ele diria. Não cumprimos a missão da Igreja se não abriremos a boca com a Palavra de Deus. Portanto, para o apóstolo João, o papel da evangelização na missão é a representação de Cristo.

Didática, kerigmática, martírica e vicária, eis a natureza da evangelização como expressão da missão bíblica da Igreja. Nos dias em que vivemos, quando a realidade é recortada em pedaços cada vez menores, até que, sendo tudo, seja nada, há quem ensine diferente. Eles dizem “Agora não!”, “Evangelize depois”. Essa não é a Palavra de Deus, é a mensagem de Tobias, é o uivo dos lobos.

A teologia da prosperidade e à teologia da libertação – gêmeas idênticas, bastardas, geradas na mesma mãe infeliz, existem usando as Escrituras circunstancialmente, apenas para valorizar sua ambição humana e humanística, dando sentido particular a ensinamentos abrangentes, ignorando ou redesignando textos que se lhes opõem. As duas seduzem as pessoas fazendo-lhes comichões nos ouvidos e ocultando a verdade. Uma e outra se apresentam como verdade repentina e desfazem de dois milênios de história da Igreja. Diante disso, é urgente voltar à evangelização que é

pregar o Evangelho, o Evangelho que é o Reino e o Reino que é Cristo.

Em cenário muito semelhante ao nosso, Paulo disse a mesma coisa ao seu sucessor, Timóteo: *“Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente: Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina. Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, juntarão mestres para si mesmos, seguindo os seus próprios desejos. Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos. Você, porém, seja moderado em tudo, suporte os sofrimentos, faça a obra de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério.”* 2Ti 4:1-5. Sinto, eu também, a obrigação de repeti-lo: Cumpra corretamente a sua missão, faça a obra de um evangelista.

Da experiência

A evangelização missional na experiência da AMME Evangelizar

Fundada no início do ano 2000, a AMME Evangelizar existe para ajudar as igrejas evangélicas brasileiras a cumprir sua missão bíblica de evangelizar todo mundo: motivando, treinando, suprimdo e apoiando. Em onze anos de ministério, a AMME já ajudou cerca de 50.000 igrejas a apresentar o Evangelho a quase 100.000.000 de pessoas. O número de conversões, transformação de vidas, de famílias e de comunidades, batismos, motivações vocacionais e plantação de igrejas já é incontável.

A missão vem consolidando sua posição no design de programas evangelísticos e hoje atua no desenvolvimento estratégico da evangelização com uma pro-

posta e uma prática coerentes com a visão bíblica de evangelização.

A proposta que motiva o desenvolvimento de programas de evangelização é a “evangelização com texto e contexto”. Por causa da evangelização como manifestação da mensagem transformadora do Reino, temos defendido uma evangelização perfeitamente bíblica (*texto*) e totalmente relevante na realidade em que acontece (*contexto*).

Para dar vazão a essa proposta, a prática no desenvolvimento é conduzida por um modelo próprio, denominado ‘Pilar de Sansão’. Esse modelo ou método consiste em cinco passos criativos:

- a) Reconhecimento da estrutura de pecado – As pessoas de um determinado grupo são cercadas por uma estrutura comum de pecado. Nessa estrutura, o pecado que existe dentro das pessoas se transfere pelos relacionamentos, de uma pessoa

para outra, afetando a todos de diversas maneiras. As conexões sociais vitais prendem as pessoas nessa estrutura e elas são escravizadas no impacto de seus pecados na vida de outras e na percepção das consequências dos pecados das outras pessoas em sua própria vida. Essa estrutura dominante de pecado em um determinado grupo precisa ser reconhecida antes de tudo, suas conexões precisam ser estudadas. Nesse momento a equipe faz a pergunta que parece ter sido frequente no ministério de Jesus: *“O que queres que eu te faça?”*. Precisamos saber qual é o mal, a dor, que aflige as pessoas.

b) Identificação do pilar de Sansão – A estrutura de pecado que afeta um grupo se apoia sempre sobre um pilar de sustentação. Uma única ou principal causa comum mantém a estrutura e suas dinâmicas de força funcionando. Esse pilar precisa ser

identificado para que a evangelização seja dirigida contra ele até produzir a desarticulação da estrutura. A AMME utiliza ferramentas de pesquisa estatística para reconhecer a estrutura de pecado e identificar o pilar em que se apoia.

c) Escolha do texto bíblico – O texto bíblico que melhor se enderece à estrutura de pecado e especialmente ao pilar deve ser escolhido com cuidado. O texto mesmo deve oferecer instrução para superação da estrutura de pecado e de seu pilar. Comumente procura-se uma situação ou configuração similar nas Escrituras, alguém que tenha passado por situação semelhante.

d) Definição de objetivo e indicadores – O próprio texto deve sugerir o objetivo a ser alcançado e os indicadores que mostrarão o atingimento do objetivo no enfrentamento da estrutura de pecado. Objetivo e

indicadores devem ser expressos em números de itens e em prazos para serem alcançados.

e) Desenvolvimento da estratégia – Finalmente é desenhada toda a estratégia para apresentação do texto bíblico, com seus elementos motivacionais e comunicacionais. Depois essa estratégia será aplicada com a verificação dos indicadores para determinar sua efetividade na transformação pela manifestação do Evangelho do Reino.

Um bom exemplo da aplicação do ‘Pilar de Sansão’ é a série de programas ‘Evangelização Total’. Desenvolvida a partir dos achados do relatório das pesquisas da AMME, SUPER20, que identificaram o grupo de idades de 4 a 24 anos como o da conversão de 77% dos crentes brasileiros. A série provê programas para as igrejas apresentarem o Evangelho com eficiência a crianças, adolescentes e jovens.

Para crianças abaixo de 5 anos, por exemplo, a estrutura de pecado que as escraviza e destrói é a violência doméstica. Os números são enormes e a realidade pode ser ainda mais terrível. Identificou-se como pilar a objetificação da criança. Reduzida em sua humanidade a uma coisa, um objeto, uma posse do adulto responsável, a criança é abusada como se isso fosse parte do ser criança, algo normal. Essa objetificação também é o princípio de outras formas de violência, primeiro a pessoa é reduzida de sua humanidade com progressiva agressão verbal, até à posição de um objeto ou animal. Então a violência física acontece.

Para enfrentá-la, escolhemos os textos em que Jesus se relaciona com as pessoas, servindo como modelo de bondade, benignidade, paciência, perdão e, sobretudo, de amor. O objetivo e indicador escolhidos foram que o adulto responsável investisse mais tempo de qualidade com as crianças.

O programa desenvolvido consiste em visitar as casas da comunidade e convencer mães e pais de crianças menores de cinco anos a dedicar mais tempo às crianças na contação de histórias. Esse incremento no relacionamento tende a impedir a objetificação da criança e a diminuir a violência física.

Em recente pesquisa de avaliação, o programa foi auditado em três regiões e quinze cidades. O resultado foi que, depois de abordados, 13,5% dos adultos que não investiam tempo de qualidade com as crianças passaram a contar histórias e 12,1% dos adultos que investiam algum tempo de qualidade aumentaram esse tempo para incluir a contação de histórias. Esse aumento significativo afeta o destino das crianças e ainda leva muitos adultos a Cristo.

Outros programas da série incluem ações sobre estrutura familiar, autoestima e sociabilidade, Violência Repetida entre Colegas e Processo decisório.

**Equipando os crentes para
evangelizar todo mundo**



www.salvavidas.biz

'O papel da evangelização na missão' foi uma das palestras apresentadas no 6º Congresso Brasileiro de Missões, em Caldas Novas - GO de 10 a 14 de outubro de 2011. O autor selecionou e comentou textos bíblicos que ajudam a redefinir, tanto a evangelização como a missão, para finalmente examinar a dinâmica entre os dois conceitos na vida da Igreja.

José Bernardo é o fundador e diretor executivo da AMME Evangelizar. Pesquisador, escritor, conferencista e estrategista da evangelização, tem ajudado milhares de igrejas a alcançar milhões de pessoas através de seu ministério.



www.evangelizabrasil.com
portal@evangelizabrasil.com